

Vivências argumentadas de liberdade académica, com Stephen Stoer e a sociologia da educação

Argumentative experiences of academic freedom, with Stephen Stoer and the sociology of education

Expériences argumentées de liberté académique, avec Stephen Stoer et la sociologie de l'éducation

Almerindo Janela Afonso*

Universidade do Minho, Braga, Portugal.

Resumo

Este texto recupera e amplia o conteúdo da intervenção na sessão de homenagem a Stephen R. Stoer, perto da data em que se completavam duas décadas do seu desaparecimento (2005–2025). A iniciativa teve lugar na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto (FPCEUP), onde ele era professor catedrático, com o propósito de recordar a pessoa e a obra que o Steve (como ele se apresentava e como nós o chamávamos) nos legou e o impulso que deu para a consolidação da Sociologia da Educação em Portugal. Não se trata de um artigo académico em sentido estrito, ainda que apoiado em indispensáveis referências bibliográficas, mas sim de uma reflexão ensaística que procura sinalizar contributos, controvérsias e aspetos experienciais e vivências académicas e pessoais, nomeadamente como orientando de doutoramento e como colega na universidade.

Palavras-chave: Stephen Stoer, sociologia da educação, liberdade académica, reflexividade e controvérsia

Abstract

This text recovers and expands upon the content of the intervention at the tribute session to Stephen R. Stoer, near the date marking two decades since his passing (2005–2025). The initiative took place at the Faculty of Psychology and Education Sciences of the University of Porto (FPCEUP), where he was a full professor, and aimed to remember the person and work that Steve (as he introduced himself and as we called him) bequeathed to us, and the impetus he gave to the consolidation of the Sociology of Education in Portugal. This is not an academic article in the strict sense, although supported by indispensable bibliographic references, but rather an essayistic reflection that seeks to highlight contributions, controversies, and experiential aspects and academic and personal experiences, notably as a doctoral student and as a colleague at the University.

Keywords: Stephen Stoer, sociology of education, academic freedom, reflexivity and controversy

Résumé

Ce texte reprend et développe l'intervention faite lors de l'hommage rendu à Stephen R. Stoer, à l'approche du 20e anniversaire de sa disparition (2005–2025). Cette initiative s'est déroulée à la Faculté de psychologie et des sciences de l'éducation de l'Université de Porto (FPCEUP), où il était professeur titulaire. Elle visait à honorer la mémoire de Steve (comme il se présentait et comme nous l'appelions) et à perpétuer son œuvre, ainsi que l'impulsion qu'il a donnée à la consolidation de la sociologie de l'éducation au Portugal. Il ne s'agit pas d'un article académique au sens strict, bien qu'il s'appuie sur d'incontournables références bibliographiques, mais plutôt d'une réflexion sous forme

* *Correspondência:* ajafonso@ie.uminho.pt

d'essai qui met en lumière ses contributions, les controverses qu'il a suscitées, ainsi que des aspects concrets et des expériences tant académiques que personnelles, notamment en tant que doctorant et collègue à l'université.

Mots-clés: Stephen Stoer, sociologie de l'éducation, liberté académique, réflexivité et controverse

Introdução

Este texto é uma reflexão ensaística que procura sinalizar aspetos experienciais e vivências académicas enquanto orientando de doutoramento e, durante muitos anos, colega de Stephen R. Stoer. É essencialmente a evocação pessoal de um professor carismático, investigador criativo e intelectual crítico, que fez uma carreira académica notável, com contributos incontornáveis para as Ciências da Educação e, frequentemente, antecipatórios para a Sociologia da Educação em Portugal, nas três décadas de consolidação democrática, posteriores à Revolução dos Cravos de abril de 1974. Num tempo de adversidades várias e de erosão democrática, que constituem hoje novas ameaças ao *ethos* mais pluralista e humanista da universidade, é também necessário lembrar que Steve Stoer foi um testemunho de liberdade académica e de abertura ao debate científico e à controvérsia democrática e dialógica. Em diversas dimensões da sua intervenção, privilegiou o trabalho coletivo e esteve atento às problemáticas emergentes no campo da Sociologia da Educação, tendo as políticas educativas sido um dos seus objetos privilegiados de investigação, reflexão e comunicação académica. Problemáticas e políticas que é sempre inspirador visitar e convocar.

2. Duas referências carismáticas no meu percurso

Dois professores universitários – Horácio González e Stephen Stoer – marcaram a minha carreira académica. Eram carismáticos, eruditos, críticos e solidários. Ambos, de modos diversos, mas também algo convergentes, influenciaram profundamente a forma como continuo a exercitar o olhar sociológico. Os dois nasceram mais ou menos na mesma altura, em países muito diferentes e distantes, e teceram trajetórias pessoais *sui generis*.

Horácio González foi meu professor de Sociologia nos tempos da graduação na Escola de Sociologia e Política de São Paulo, reconhecida na sua fundação como instituição complementar da USP (Afonso, 2024a, 2025b). Exilado no Brasil, doutorou-se pela USP, retornou mais tarde ao seu país, tendo continuado a ser docente universitário e ensaísta e, durante vários anos, distinto diretor da Biblioteca Nacional da Argentina. Foi, reconhecidamente, um dos mais prestigiados e carismáticos intelectuais argentinos.

Stephen Stoer, com uma biografia expressiva, construída atravessando fronteiras, tecendo vivências e confrontando visões do mundo (da Inglaterra aos Estados Unidos até chegar ao Portugal da Revolução dos Cravos), deixou-se seduzir pelas utopias de *abril*, que quis compreender, e acabou por ficar. O seu trabalho maior, que constitui uma das referências mais marcantes da bibliografia sociológica das Ciências da Educação

– *Educação e Mudança Social em Portugal: 1970-1980, Uma Década de Transição* (Stoer, 1986) –, corresponde à tradução da tese de doutoramento – *The April Revolution and the Contribution of Education to Changing 'Portuguese Realities'* (Stoer, 1983) –, submetida à Open University, School of Education, em 1983.

Stephen Stoer (doravante Steve) foi o meu orientador de doutoramento e o professor e investigador que, de diferentes modos, influenciou, de forma muito expressiva, a minha vivência na docência e na universidade, tal como, estou certo, a de muitos outros colegas, sem esquecer os/as inúmeros/as estudantes de graduação e pós-graduação.

Os seus contributos ficaram registados numa significativa produção teórica e de investigação empírica, com conteúdo inovador e frequentemente avançado relativamente às agendas de política educativa, sempre com um jeito muito próprio de questionar e de escrever. Com uma persistência crítica, não raras vezes provocadora, mas sociologicamente imaginativa, muitos dos seus *insights* foram o ponto de partida para inúmeras intervenções e debates ou para novas tessituras analíticas. Tudo o que publicou está integrado, em boa parte, no acervo bibliográfico do Centro de Recursos Stephen Stoer, do Centro de Investigação e Intervenção Educativas da FPCEUP, estando disponível para investigações de mestrandos e doutorandos de Sociologia e de Ciências da Educação. Por tudo o que foi e nos legou, o Steve continua a ser uma referência incontornável na Sociologia da Educação portuguesa.

3. A crítica como exercício de cidadania

Amante do contraditório e do exercício da crítica da crítica – facetas que cultivava e incentivava, e não apenas na esfera académica, mas também nos *media* (sobretudo no jornal *Público*), bem como na *Página da Educação* e em muitas outras publicações de associações científicas e sindicais –, Steve Stoer mostrou-nos, em várias ocasiões, que o exercício do debate e da argumentação são dimensões fundamentais, não apenas do labor científico, mas também da reactualização da esfera pública democrática, baseada na práxis de uma *cidadania reclamada*. A noção de “cidadania reclamada” é discutida face à “incompletude da cidadania atribuída”, em vários textos em coautoria, nomeadamente em Stoer e Magalhães (2003).

Para além disso, creio que o debate de ideias e de visões do mundo lhe interessava particularmente (apostando na coexistência dialógica e crítica do cosmopolitismo com as “realidades portuguesas”, das políticas nacionais com as reactualizações *bersteinianas* da recontextualização pedagógica, das questões da diferença e da inter/multiculturalidade crítica com a justiça e a solidariedade social, das agendas da transnacionalização da educação com os desafios da redefinição das cidadanias...). Na minha opinião, e não apenas pelas problemáticas e objetos de estudo que abordava, seria difícil que os pares fossem indiferentes ao seu carisma, à sua posição no campo académico ou à frequência com que marcava a agenda da investigação em educação.

Mas, ao contrário daquilo que já escrevi, em brevíssimo exercício de autoanálise (Afonso, 2025a), o Steve é um bom exemplo de alguém que nunca me pareceu minimamente incomodado com qualquer

posição ou condição que lhe pudesse ser atribuída (ou omitida) no campo sociológico mais amplo, ou, mais especificamente, na Sociologia da Educação. Com uma ou outra exceção, o consenso em relação à importância do seu trabalho (e também algum dissenso na sua interpretação e apropriação) sempre o interpretei como sinal do lugar indiscutível que tinha enquanto investigador e autor.

Em qualquer caso, a um/a leitor/a atento/a não passará despercebida, no livro *Sociologia em Portugal: Da Pré-História à Institucionalização Avançada* (Machado, 2020), a passagem em que é referida a criação da revista *Educação, Sociedade & Culturas*, “dirigida pelo cientista da educação Stephen Stoer” (Machado, 2020, p. 90), e onde são elencados, como contributos para a Sociologia da Educação, tão somente os artigos em parceria com Alan Stoleroff e José Alberto Correia (1993), quando é sabido que Stephen Stoer deixou uma obra publicada mais ampla e diversificada, certamente suscetível de diferentes receções, mas de incontornável interesse para o campo sociológico e, doravante, para a história da Sociologia da Educação portuguesa, particularmente em relação às três décadas posteriores à Revolução dos Cravos. Na minha opinião, já expressa anteriormente (Afonso, 2025a), esta opção, ainda que absolutamente legítima, não deixa de ser estranha, sobretudo quando comparada com a seleção de textos de outros autores, os quais, em alguns casos, são escolhas muito discutíveis, nomeadamente em relação à pertinência e representatividade expectáveis em relação à Sociologia da Educação. Entretanto, mais recentemente, constatei que foram incluídas (e ainda bem) mais algumas referências a trabalhos de Steve Stoer na lista bibliográfica elaborada por Fernando Luís Machado (2025) e publicada no ISCTE – instituição de ensino superior onde ele também lecionou.

De qualquer modo, serve esta constatação para confirmar, uma vez mais, como tinha razão Pierre Bourdieu quando propôs e mobilizou para a análise sociológica os conceitos de *campo académico* e de *campo científico*. É nesses espaços sociais (também instáveis e permeáveis a mudanças) que as lutas por significados, interesses e poderes se inscrevem e atualizam, e é também aí que ganham densidade os melhores exercícios da crítica e da controvérsia. Concordo por isso com Madureira Pinto (2022) quando, referindo-se especificamente ao campo científico, escreve: “A primeira propriedade exemplar deste campo decorre do seu fechamento relativo e da circunstância de cada investigador ter como receptores privilegiados outros investigadores aptos a compreendê-lo, mas também a refutá-lo e desmenti-lo” (p. 72).

Estes exercícios da crítica e da controvérsia, no entanto, continuam escassos, ao contrário, aliás, do que o Steve praticava e encorajava, quase sempre em coautoria com colegas. A este propósito, ficou célebre (porque muito referenciada) a controvérsia sobre *Os Filhos de Rousseau: Ensaio sobre os Exames*, de Filomena Mónica (1997), que António Magalhães e Steve Stoer (1998) rebateram no livro *Orgulhosamente Filhos de Rousseau*, passando depois pela crítica veemente ao Despacho dos *currículos alternativos*, assinado pela Secretária de Estado Ana Benavente quando esta socióloga da educação integrou a equipa governativa do Ministério da Educação. Neste caso, aliás, num texto datado, mas bastante acutilante e com uma fundamentação que merece uma releitura atenta, observa-se que, da parte da comunidade académica, não foi boa a receção desta decisão, tendo “o seu significado e potenciais efeitos” sido considerados como uma rutura drástica e um inesperado contrassenso face ao “pressuposto de que a escola possui potencialidades

emancipatórias” que, muito provavelmente, iriam ser desvalorizadas (Stoer et al., 1998, p. 213). Por sua vez, Ana Benavente (2001), num texto de balanço sobre aquele período de governação, não deixa de incluir a réplica:

A criação dos currículos alternativos foi uma das medidas que mais polémica pública suscitou. Sindicatos de professores e especialistas das Ciências da Educação insurgiram-se contra uma “escola de 2ª categoria”, contra a desigualdade de tratamento e a discriminação, temendo o fim da “educação para todos” (...). Estranhamente, na minha opinião, foram os que mais críticas fizeram à escola tradicional e que mais se disseram preocupados com a exclusão, que mais atacaram os currículos alternativos. Este debate passou ao lado das escolas, mais realistas e empenhadas em encontrar soluções concretas contra o abandono escolar. (p. 115)

Vale a pena ainda lembrar a controvérsia relativa à natureza *neovocacionalista* do ensino profissional. Joaquim Azevedo – enquanto diretor-geral (com Roberto Carneiro no Ministério da Educação e na governação de Cavaco Silva) – foi o principal responsável pela iniciativa do ensino profissional e das escolas profissionais. Num balanço relativo ao período 1989–2014, Joaquim Azevedo (2014) mantém a defesa deste projeto, não esquecendo de lembrar algumas das “visões muito críticas deste processo” e as “fortes divergências ideológicas” suscitadas (p. 414), remetendo a este propósito para o artigo de José Alberto Correia, Alan Stoleroff e Steve Stoer (1993).

Durante o tempo em que o Steve foi diretor da revista *Educação, Sociedade & Culturas*, procurou que houvesse sempre um espaço para o debate na secção *Diálogos sobre o Vivido* e na secção *Recensões*. Um exemplo, entre outros, foi desencadeado pelo artigo publicado no n.º 9 da revista – “A importância da reflexividade na Sociologia da Educação” (Bonal & Rambla, 1998) –, posteriormente discutido e contra-argumentado no n.º 12 da mesma revista, em dois textos: um de Telmo Caria (1999) e o outro, como réplica, de Xavier Bonal e Xavier Rambla (1999). Em outros números da revista também se registaram debates, nomeadamente com Jorge Ávila de Lima, Augusto Santos Silva e Rui Gomes (mais uma vez, nas palavras do Steve, “estimulados por Telmo Caria”).

Como o meu objetivo neste texto não foi o de fazer um levantamento exaustivo, o que cabe referir, a partir do meu olhar, são tão somente alguns exemplos que me parecem sinalizar, na vida académica do Steve, não apenas um estilo e uma convicção de valorização do debate e da controvérsia, mas também, de algum modo, o seu lado de intelectual público, para além da academia.

Também por isso, a sua falta continua a fazer-se sentir. Continuamos a precisar de mais reflexividade crítica e de confrontar a emergência de novas tensões cognitivas. Para além das argumentações críticas que são expressas em provas académicas, muitas vezes meramente ritualísticas, há que contrariar a manifesta e continuada insuficiência da controvérsia nas Ciências da Educação e, mais especificamente, na Sociologia da Educação – o que, aliás, entre outros, António Nóvoa (2014) sublinhou quando, já há algum tempo, escreveu que “é necessário reconstruir uma cultura de debate e de crítica, marcada pela interação, pelo diálogo, pela leitura conjunta dos nossos trabalhos, pela capacidade de nos envolvermos numa conversa intelectual com os outros” (p. 18). Defensor de uma “epistemologia da controvérsia”, também José Alberto Correia (2024), no livro em que reconhece, entre outros, o papel do Steve na sua “formação humana e científica”, nota que o campo educativo “parece ser hoje bastante deficitário na promoção de

controvérsias”, chamando a atenção, num registo criativo e instigante a que nos habituou, que “a ciência não se destina a pôr fim à controvérsia, mas pode contribuir para a sua qualificação” (pp. 217, 299).

Também pelo que eu vou acompanhando, estes debates continuam raros, não sendo a isso indiferente o tempo demasiado longo das rotinas quotidianas, o investimento em estratégias solipsistas (naturalmente legítimas) de sobrevivência ou progressão na carreira, a busca (frequentemente desencantada) de financiamento para projetos de investigação ou a publicação obsessiva para alcançar ou manter um lugar nos *rankings*, entre outras razões. Em qualquer caso, a implicação imediata tem sido a periferização, mais ou menos radical, da prática da leitura crítica e da réplica intersubjetiva e dialógica, que se traduz (ainda que não intencionalmente) no desinteresse pelo trabalho dos pares, conjunturalmente atenuado ou dissimulado pela mera remissão bibliográfica ou referenciação pragmática, com as exceções que decorrem das expectativas e relações de poder (por exemplo, entre orientador/a e orientando/a) ou das convicções ético-políticas e posturas metodológicas que fazem do debate e da crítica formas indispensáveis de densificar (e tornar mais objetivável) o trabalho de investigação e a escrita académica. E acrescentaria, “sem desacreditar pensamentos rivais”, como observa, a outro propósito, Hermes Costa (2025) num curto ensaio sobre as temporalidades da atividade docente no ensino superior.

4. Parcerias, sequências coautorais e alguns autores influentes

Com José Alberto Correia, creio que aconteceu a primeira parceria, a que seguiram outras, igualmente produtivas, com Helena C. Araújo (parceria, neste caso, marcada sobretudo pela investigação que deu origem ao livro *Escola e Aprendizagem para o Trabalho num País da (Semi)Periferia Europeia* (Stoer e Araújo, 1992), bem como várias outras, com diferentes sequências autorais, com Luiza Cortesão e António Magalhães, sem esquecer uma ou outra com Fernanda Rodrigues. A publicação atrás referida foi premiada (*ex aequo*) com o Prémio Rui Grácio de Ciências da Educação, junto com a publicação da tese de doutoramento de Licínio C. Lima (1992) – *A Escola como Organização e a Participação na Organização Escolar. Um Estudo da Escola Secundária em Portugal (1974–1988)*.

Para além da publicação da *Escola e Aprendizagem para o Trabalho...*, estou convicto (já referi isto noutra ocasião) que os trabalhos mais significativos assumiram a centralidade da problemática social, cultural, política e educacional da *diferença*, os quais, com notória imaginação sociológica, foram marcados pela expressão “a diferença somos nós” – uma síntese que está subjacente a vários textos sobre as questões inter/multiculturais, de Steve Stoer, Luiza Cortesão e António Magalhães (em diferentes sequências coautorais).

Se fosse hoje, quero acreditar que esta linha de pesquisa e de reflexão continuaria a abrir e propiciar caminhos outros, indutores de “alongamentos” (para usar um termo caro a Paulo Freire) que, possivelmente, estariam a confluír, mais aprofundada e explicitamente, para a consideração crítica e agonística das possibilidades, dilemas e limites das perspectivas de(s)coloniais na educação. As sementes estão lá, mas não floriram (Afonso, 2024b). Refiro-me sobretudo ao livro justamente intitulado *A Diferença*

Somos Nós (Stoer & Magalhães, 2005) – livro que, nas palavras dos autores, é produto do último ciclo de trabalho conjunto (conforme dedicatória rubricada no meu exemplar, em 11 de novembro de 2005, um mês e pouco antes do desaparecimento do Steve).

Interessante, por exemplo, quando já para o final deste livro – ao longo do qual a argumentação teórico-conceptual exigiu (e exigirá a qualquer pessoa) uma leitura atenta e algum esforço hermenêutico acrescido – se fala das “rebeliões das diferenças” como um aprofundamento dos adquiridos “da consciência e autocrítica da ciência ocidental” (Stoer & Magalhães, 2005, p. 131), ou onde se volta a pôr em causa a universalidade do paradigma dominante da cultura europeia e do pensamento ocidental, à luz do qual as diferenças foram pensadas ao longo da modernidade histórica.

Dado que as perspectivas de(s)coloniais têm discutido justamente a hegemonia dos conhecimentos, da cultura e dos valores eurocêntricos, talvez o alongamento que atrás imaginei possa um dia concretizar-se aprofundando o “modelo relacional” e indo mais além das “metáforas para a construção da Europa” (Stoer & Magalhães, 2005, p. 147), dialogando criticamente com as diferenças, desafios e incompletudes da modernidade europeia, de outras modernidades e das contribuições de(s)coloniais.

Já antes, num dos textos mais antigos, do começo dos anos 1990, de que gosto particularmente, o Steve tocou na questão do colonialismo português e na “política de assimilação total, sobretudo, da cultura africana pela cultura portuguesa” que “exigiu um sacrifício cultural de identidade e de herança”. Aí fez igualmente observações, que são extremamente atuais, sobre os imigrantes e a questão da cidadania que o Estado promove através da “distinção entre cidadãos e sujeitos, os primeiros com direitos e uma cultura reconhecida e valorizada, os segundos sem direitos e obrigados a sacrificar a sua identidade cultural” (Stoer, 1992, pp. 78–79). Na minha interpretação, e por razões diferentes, talvez relacionadas com o *contexto de influência*, não era ainda o momento de aprofundar essas questões e enveredar por outro caminho, mas as sementes para uma crítica das manifestações, mais ou menos explícitas, da *colonialidade* presente na sociedade portuguesa (pós-colonização) estavam lançadas.

Sendo breves estes comentários, não se trata de percorrer aqui todas as parcerias ou de fazer, por singelo que fosse, qualquer balanço de uma obra que julgo conhecer bem, e que, por isso mesmo, aconselho a continuar a estudar e/ou visitar. Basta sublinhar que o Steve deixou imensos trabalhos (alguns seminais para análise da educação e das políticas educativas), começando, como é normal, por escrever e publicar como único autor. Mas bastante expressivo para quem se interessa pela sua obra é o facto de ter cultivado, de forma muito própria, durante anos consecutivos, até ao fim, o trabalho conjunto com diferentes colegas.

Do meu ponto de vista, esta é a expressão de um reconhecimento genuíno do valor que o Steve atribuía à prática colegial, à racionalidade comunicativa e ao exercício da intersubjetividade – sinais não apenas de alguma proximidade *habermasiana*, como também de uma casual e implícita concordância (não diria *popperiana*) em relação à crença na centralidade da refutabilidade científica. Se, no primeiro caso, há alguns indícios nos seus trabalhos que sugerem essa proximidade, mesmo que tangencial, no segundo caso, trata-se apenas de uma ideia (fraturante?) para iniciar uma discussão possível, que seria certamente estimulante, sobre as influências de diferentes autores no pensamento de Steve Stoer, tanto no que diz respeito à

consistência ou pertinência de teorias, conceitos e metodologias de pesquisa, como às visões político-ideológicas. Neste último aspeto, aliás, suspeito que o Steve sabia fazer a síntese entre o consenso construído e a visão agonística do conflito, como partes inerentes à construção do conhecimento. De qualquer modo, tendo começado por assumir alguma permeabilidade a influências marxistas e neomarxistas, é facilmente constatável na sua obra que, sendo um espírito livre e aberto às mudanças sociais, políticas e culturais, foi redefinindo ao longo do tempo outras interpretações e visões do mundo, mais amplas, mais diversas e “mais distantes de ortodoxias” (Afonso, 2007).

Há naturalmente na sua obra influências de reconhecidos autores, da Filosofia à Pedagogia, da Sociologia à Ciência Política. Refiro aqui apenas três nomes que percorrem os seus escritos ou que são convocados com alguma regularidade: Pierre Bourdieu, Basil Bernstein e Roger Dale.

No seminário de Bernstein, que o Steve frequentou durante o mestrado, o primeiro contacto foi com a obra *Reproduction in Education* de P. Bourdieu e J.-C. Passeron (1977), sobre a qual veio a publicar, na revista *O Professor*, o seu primeiro texto em português, tendo também, nesse mesmo seminário londrino, sido convidado a apresentar o livro *Outline of a Theory of Practice* (Bourdieu, 1977). Imagino que, sobretudo em relação a este último, a tarefa não tenha sido fácil, dado tratar-se de um estudante de pós-graduação a iniciar a leitura da obra de Bourdieu. É, aliás, uma obra complexa, de leitura exigente e, talvez por isso, menos citada ou convocada nos trabalhos de Sociologia (e ainda menos de Sociologia da Educação), à exceção de autores particularmente estudiosos da obra de Pierre Bourdieu.

No editorial do n.º 15 da revista *Educação, Sociedade & Culturas*, o Steve (2001) dá ênfase ao facto de ter tido “a sorte de ter Basil Bernstein como professor” e de ter sido “fascinante ouvi-lo expor a sua teoria da reprodução e extremamente estimulante participar nos primeiros passos do que viria a ser o seu projecto de uma Sociologia da pedagogia!”. É essa densidade sociológica da teoria de Bernstein que Steve vai convocando parcelarmente ao longo dos seus trabalhos. No campo das Ciências da Educação, talvez só Ana Maria Morais e o seu grupo de Estudos Sociológicos da Sala de Aula (ESSA) tenham, entre nós, construído uma relação mais duradoura e produtiva com a obra de Basil Bernstein.

Também Roger Dale acabou por encontrar Bernstein durante a formação. Lendo Susan Robertson (2020) sobre algumas das etapas do trajeto biográfico de Roger Dale, ela refere o reconhecimento e admiração que ele tinha pelo sociólogo português Hermínio Martins (então professor da Leeds University), que Dale considera o homem mais inteligente (“*cleverest man*”) que terá conhecido, e que o incentivou a inscrever-se na pós-graduação no Instituto de Educação da Universidade de Londres (atual University College London), onde confirma, com satisfação, o que Hermínio Martins lhe tinha falado a propósito de Basil Bernstein. Roger Dale foi o orientador da tese de doutoramento de Steve Stoer. Uma relação não apenas académica, mas de grande e recíproca amizade, que eu próprio pude testemunhar em várias ocasiões.

Hermínio Martins foi um sociólogo português, internacionalmente conhecido e prestigiado, extremamente erudito e de escrita densa, que propôs pela primeira vez o conceito de “nacionalismo metodológico” – conceito, aliás, que Roger Dale iria adotar e que acabou por ser utilizado por muitos outros autores, incluindo Steve Stoer.

Vem a este propósito voltar a sublinhar que se é incompreensível o facto de vários trabalhos de Sociologia da Educação de Steve Stoer estarem relativamente ausentes na obra de Fernando Luís Machado, na qual se pretende fazer a história da Sociologia portuguesa, mais estranho é a igualmente incipiente presença, nessa mesma obra, do trabalho de Hermínio Martins. Refiro, para exemplificar, o que ele deixa transparecer numa entrevista à revista *Análise Social*: “Num estudo recente sobre a história da Sociologia portuguesa, a única menção específica a um texto meu é ao estudo sobre ‘Classe, status e poder em Portugal’, que é tratado em três ou quatro linhas. Fiquei perplexo” (Hermínio Martins em Jerónimo, 2011, p. 476).

Voltando ao contexto nacional, vale a pena lembrar e enfatizar que o Steve construiu pontes e fomentou interlocuções várias com sociólogos e sociólogas da educação, quer os que se referenciam predominantemente à matriz sociológica (mais ou menos canónica), quer, sobretudo, os que se referenciam ao campo mais vasto e multidisciplinar das Ciências da Educação, sem esquecer a Filosofia, a Ciência Política e a Antropologia.

5. A orientação da tese, a liberdade académica e outras coisas

Quero, antes de finalizar, acrescentar dois ou três apontamentos. Com a coordenação do Steve, participei de várias iniciativas da Secção de Sociologia da Educação da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação (SPCE) e de dois ou três encontros conjuntos com a Secção de Sociologia da Educação da Associação Portuguesa de Sociologia (APS). Estive também, com outros e outras colegas, na criação da revista *Educação, Sociedade & Culturas*, participando, desde o primeiro momento, das reuniões e decisões do respetivo conselho editorial. Foram momentos e tempos memoráveis e de grande entusiasmo – imbuídos até de uma certa militância, à mistura com algum (salutar) dissenso. Aliás, o tempo em que o Steve esteve na direção da revista daria para meia dúzia de páginas, a somar a outras que, entretanto, tenho vindo a publicar, buscando percorrer devagar, para perceber melhor, as nuances e desafios do exercício autobiográfico, quando permeado de alguma Sociologia.

De tudo o que escrevi, sobretudo durante a feitura da tese, ainda guardo as anotações e interrogações feitas pelo Steve, e quero um dia relê-las para tentar descodificar o verdadeiro significado daquelas a que não soube (e talvez não saiba ainda) dar boa conta. Mas, tendo sido muito importantes e desafiantes estas notas, nelas nunca se esgotou (antes aprofundou) a relação Orientador/Orientando. Diálogos e momentos de grande aprendizagem (nem sempre fáceis) ficaram registados e deixaram-me a pensar. Nunca esquecerei a forma como o Steve lidou comigo desde o primeiro contacto, em novembro de 1989. Foi durante o primeiro congresso de Ciências da Educação, cuja realização ocorreu poucos meses antes da constituição formal (maio de 1990) da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação, de cuja escritura pública foi um dos subscritores. No último mail que trocámos, e que ainda guardo, datado de maio de 2005, eu estava a começar (confiante no futuro) uma outra etapa da minha vida pessoal. No fim desse ano, o Steve deixou-nos. O choque foi maior. Sentimentalão como sempre fui, quando soube, não consegui disfarçar a emoção,

e dei-me conta, nesse preciso momento, que a minha relação com o Steve não era apenas académica, era também afetiva. Ele tinha esse lado, que julgo transparecer discretamente em muitos dos seus escritos, como num editorial da revista *Educação, Sociedade & Culturas* em que apresenta um dos textos sublinhando que o mesmo ajuda a compreender “como conciliar a ciência com a afetividade” (Stoer, 1997, p. 4).

Com este testemunho, não quero secundarizar as dissonâncias, traduzidas em pequenas e esporádicas tensões, sobretudo teórico-conceituais e metodológicas, derivadas das minhas próprias dúvidas, ignorâncias ou convicções. O Steve não se deixava convencer facilmente e isso, às vezes, tirava-me do sério. Também por isso, a aceitação da minha orientação de doutoramento não foi imediata, muito pelo contrário.

Sobre isto, tenho algumas vagas hipóteses explicativas (que, aliás, nunca pude, nem precisei, confirmar ou infirmar). Alguma coisa, ainda que tangencial, talvez tivesse a ver com a própria Universidade do Minho ou, então, mais imediatamente, com algo relacionado com o facto de eu querer estudar a questão da avaliação em educação, a qual, talvez por eu não saber ainda apresentá-la como uma verdadeira problemática sociológica, não constituía uma boa proposta para uma possível investigação mais avançada. O Steve, aliás, disse-me uma vez, de passagem (com um certo ar socrático, entre a ironia e a maiêutica), que a avaliação não dava uma tese de doutoramento. Mas deu! E isso ele foi admitindo nos diálogos (e entrelinhas) ao longo da investigação e da escrita que eu ia desenvolvendo, não deixando, aliás, de «recomendar» o meu trabalho, e de estar presente, na sequência da publicação da minha tese (Afonso, 1998), na sessão formal na qual me foi entregue o Prémio Rui Grácio de Ciências da Educação, promovido pela SPCE com o patrocínio da Fundação Calouste Gulbenkian, em 05 de dezembro de 2001. De facto, a avaliação em educação, como sabemos, haveria de se tornar central nas políticas para a educação da *nova direita* (desde logo, na Inglaterra e nos EUA), a partir dos anos 1980, justamente, os *contextos de influência* por onde comecei o estudo. Até hoje, com evoluções várias, é evidente a centralidade (ampliada) da avaliação e a sua presença como um dos pilares da agenda global para a educação (ou, se preferirem, do GERM – *Global Education Reform Movement*).

Fui, e ainda bem, teimosamente persistente, como é necessário para fazer uma tese. E o certo é que num belo dia, numa das minhas idas ao Porto, o Steve resolveu aceitar ser meu orientador. Ainda a FPCEUP estava na Rua de Ceuta, e na esquina simétrica, do outro lado da rua, ficava a livraria Leitura, cujas prateleiras conhecia bem porque as percorri avidamente em busca de novidades editoriais que me pudessem interessar para a tese. Valeu-me, mais tarde, a biblioteca da Universidade Autónoma de Barcelona, onde, como bolsheiro de doutoramento, passei um tempo muito produtivo de longas horas de pesquisa e estudo, com o acolhimento institucional de Xavier Bonal e de Xavier Rambla, colegas que voltei a encontrar em muitas outras ocasiões, nomeadamente no período de uma licença sabática, nessa mesma universidade.

A orientação que tive durante a feitura da tese permitiu-me vivenciar uma ampla liberdade académica e, simultaneamente, sentir um discreto e permanente incentivo para investigar, escrever, discutir, confrontar pontos de vista (nem sempre convergentes com os do orientador), e tomar e assumir decisões pessoais. Foi uma experiência que está nos antípodas do que acontece atualmente em muitas universidades e departamentos, em vários países. Há várias razões que estão a contribuir para pôr em causa o que foi

durante muito anos, e sobretudo em sociedades democráticas, uma dimensão essencial do *ethos* universitário: o pensamento plural, aberto à criatividade e à controvérsia científica e académica, o reconhecimento do trabalho dos pares e uma ampla cultura universalista. Como sublinha o atual presidente da Associação Internacional de Sociologia, hoje, pelo contrário, estamos num tempo em que as ameaças à liberdade académica têm vindo a tornar-se mais evidentes como consequência da crescente erosão democrática e do ressurgimento do autoritarismo em muitas sociedades (Pleyers, 2025). Este é, sem dúvida, um dos problemas mais difíceis que teremos de aprender a confrontar, sem pôr em causa o essencial do património comum e universal da universidade.

6. Hard to leave

Para terminar, quero transcrever um pequeno extrato de um texto que publiquei na *Página da Educação* (Afonso, 2006), a que dei o mesmo título de um cartaz de rua, ao lado do qual, parecendo estar a dar um passeio, aparece o Steve, e no qual se lê “*hard to leave*”:

Não são todas as autorias que marcam o campo da Educação ou que se constituem como contribuições incontornáveis. Algumas dizem-nos mais do que outras porque expandem o nosso olhar. A expansão do olhar rompe as perplexidades e angústias do quotidiano e leva-nos a estabelecer outras pontes e outras conexões, *atravessando fronteiras*. Em muitos tempos, lugares e modos diversos, o Steve esteve criativamente presente. Com o seu jeito muito próprio de estar na vida, com a sua teimosa serenidade, com a sua reconhecida capacidade de trabalho e imaginação sociológica, esteve sempre à frente, atento aos grandes debates contemporâneos nas políticas educativas, com entusiasmo crítico e convincente que, todavia, nunca deixou de ser acolhedor porque sabia, melhor que ninguém, confrontar de forma persistente e perspicaz (mas também afetiva), ideias, posturas e perspetivas, incentivando muitos e muitas de nós a (re)descobrir caminhos, enfrentar dilemas e a traçar (outros) percursos. Com ele, eu próprio, fiquei a perceber melhor que o sentido da vida é tecido de convicções, realizações, transições, *incompletudes* – lugares onde o futuro pode ser ancorado e recomeçar, qualquer que seja a *viagem*. (s.p.)

Referências bibliográficas

- Afonso, Almerindo J. (1998). *Políticas educativas e avaliação educacional: Para uma análise sociológica da reforma educativa em Portugal (1985–1995)*. Universidade do Minho.
- Afonso, Almerindo J. (2006). “Hard to leave”. *A Página da Educação*, 15(153).
<https://www.apagina.pt/?aba=7&cat=153&doc=11337&mid=2> (Republicado em Afonso, Almerindo J. (2012). *Fragmentos de escrita pública*. Profedições)
- Afonso, Almerindo J. (2007). Atravessando fronteiras. In Reitora da Universidade do Porto (Org.), *Stephen Stoer: Reinventar a educação, reinventar a utopia democrática* (pp. 32–34). Universidade do Porto.
- Afonso, Almerindo J. (2024a, dezembro 16). *Encadeamentos: Meio lidos, meio vividos*. A Terra é Redonda. <https://aterraeredonda.com.br/encadeamentos-meio-lidos-meio-vividos/>

- Afonso, Almerindo J. (2024b). Orientações: Notas incompletas. In Susana Pinto & Maria Helena Araújo e Sá (Coords.), *Entre línguas e culturas na jornada doutoral em educação em Portugal: Histórias de supervisores e de estudantes internacionais* (pp. 91–96). Universidade de Aveiro.
- Afonso, Almerindo J. (2025a). Considerações avulsas de um sociólogo da educação pericanónico. *Sociologia, Revista da Universidade de Letras da Universidade do Porto*, 51, 219–231. <https://ojs.letras.up.pt/index.php/Sociologia/article/view/15444>
- Afonso, Almerindo J. (2025b, agosto 2). Da sociologia brasileira. A Terra é Redonda. <https://aterraeredonda.com.br/da-Sociologia-brasileira/>
- Azevedo, Joaquim (2014). Ensino profissional em Portugal, 1989-2014: Viagem da periferia para o centro das políticas educativas. In Maria de Lurdes Rodrigues (Org.), *40 Anos de políticas de educação em Portugal, vol. 1: A construção do sistema democrático de ensino* (pp. 411–468). Almedina.
- Benavente, Ana (2001). Portugal, 1995/2001: Reflexões sobre democratização e qualidade na educação básica. *Revista Iberoamericana de Educación*, 27, 99–123. <https://doi.org/10.35362/rie270971>
- Bonal, Xavier, & Rambla, Xavier (1998). A importância da reflexividade na sociologia da educação. *Educação, Sociedade & Culturas*, 9, 141–156. <https://doi.org/10.24840/esc.vi09.1359>
- Bonal, Xavier, & Rambla, Xavier (1999). Recensões. *Educação, Sociedade & Culturas*, 12, 230–234. <https://doi.org/10.24840/esc.vi12.1389>
- Bourdieu, Pierre (1977). *Outline of a theory of practice*. Cambridge University Press.
- Bourdieu, Pierre, & Passeron, Jean-Claude (1977). *Reproduction in education, society and culture*. SAGE.
- Caria, Telmo (1999). Recensões. *Educação, Sociedade & Culturas*, 12, 223–229. <https://doi.org/10.24840/esc.vi12.1389>
- Correia, José Alberto (2024). *Deambulações sobre educação: Escola, professores e ensino superior*. CIIE. <https://ciie.fpce.up.pt/pt/new-collection/deambulacoes-sobre-educacao-escola-professores-e-ensino-superior-9359>
- Correia, José Alberto, Stoleroff, Alan, & Stoer, Stephen (1993). A ideologia da modernização no sistema educativo em Portugal. *Cadernos de Ciências Sociais*, 12-13, 25–55.
- Costa, Hermes A. (2025). As temporalidades da atividade docente: Desafios ao trabalho, organizações e profissões. *Configurações: Revista de Ciências Sociais*, 36, 33–40. <https://doi.org/10.4000/15cp3>
- Jerónimo, Helena M., & Martins, Hermínio (2011). Entrevista a Hermínio Martins. *Análise Social*, 46(200), 460–483. <https://doi.org/10.31447/AS00032573.2011200.06>
- Lima, Licínio C. (1992). *A escola como organização e a participação na organização escolar: Um estudo da escola secundária em Portugal (1974–1988)*. Universidade do Minho.
- Machado, Fernando Luís (2009). Meio século de investigação sociológica em Portugal: Uma interpretação empiricamente ilustrada. *Sociologia, Revista da Universidade de Letras da Universidade do Porto*, 19, 283–343. <https://ojs.letras.up.pt/index.php/Sociologia/article/view/2339>
- Machado, Fernando Luís (2020). *Sociologia em Portugal: Da pré-história à institucionalização avançada*. Edições Afrontamento.

- Machado, Fernando Luís (2025). *Bibliografia temática e cronológica de investigação sociológica em Portugal (1964–2025)*. ISCTE.
- Magalhães, António, & Stoer, Stephen (1998). *Orgulhosamente filhos de Rousseau*. Profedições.
- Mónica, Filomena (1997). *Os filhos de Rousseau: Ensaio sobre os exames*. Relógio D'Água.
- Nóvoa, António (2014). Em busca da liberdade nas universidades: Para que serve a investigação em Educação? *Revista Lusófona de Educação*, 28(28), 11–21. <https://doi.org/10.24140/issn.1645-7250.rle69.en>
- Pinto, José Madureira (2022). Reflexividade reformista e auto-análise (publicação secundária). *Forum Sociológico*, 41, 71–76. <https://doi.org/10.4000/sociologico.10853>
- Pleyers, Geoffrey (2025). Un proyecto renovado de sociología global. *Revista Mexicana de Sociología*, 87(1), 215–223. <https://doi.org/10.22201/iis.01882503p.2025.1.62708>
- Robertson, Susan (2020). Roger Dale: Contributions to the state in/of the sociology of education. In Xavier Bonal, Eve Coxon, Mario Novelli, & Antoni Verger (Eds.), *Education, globalisation and the state: Essays in honour of Roger Dale* (pp. 1–9). Peter Lang.
- Stoer, Stephen (1983). *The April revolution and the contribution of education to changing 'Portuguese realities'* [Tese de doutoramento, The Open University]. Open Research Online – ORO. <https://doi.org/10.21954/ou.ro.0000d61b>
- Stoer, Stephen (1986). *Educação e mudança social em Portugal: 1970–1980, uma década de transição*. Edições Afrontamento.
- Stoer, Stephen (1992). A reforma educativa e a formação inicial e contínua de professores em Portugal. Perspectivas inter/multiculturais. In António Nóvoa & Thomas Popkewitz (Orgs.), *Reformas educativas e formação de professores* (pp. 72–81). Educa.
- Stoer, Stephen (1997). Editorial. *Educação, Sociedade & Culturas*, 8, 3–5. <https://doi.org/10.24840/esc.vi08.1342>
- Stoer, Stephen (2001). Editorial. *Educação, Sociedade & Culturas*, 15, 5–7. <https://doi.org/10.24840/esc.vi15.1490>
- Stoer, Stephen, & Araújo, Helena C. (1992). *Escola e aprendizagem para o trabalho num país da (semi)periferia europeia*. ESCHER.
- Stoer, Stephen, Cortesão, Luíza, & Magalhães, António (1998). A questão da impossibilidade racional de decidir e o despacho sobre os currículos alternativos. In Albano Estrela & Júlia Ferreira (Orgs.), *La décision en éducation/A decisão em educação* [Atas do Colóquio] (pp. 201–215). AFIRSE.
- Stoer, Stephen, & Magalhães, António (2003). A reconfiguração do contrato social moderno: Novas cidadanias e educação. In David Rodrigues (Org.), *Perspectivas sobre a inclusão: Da educação à sociedade* (pp. 13–24). Porto Editora.
- Stoer, Stephen, & Magalhães, António (2005). *A diferença somos nós: A gestão da mudança social e as políticas educativas e sociais*. Edições Afrontamento.